



A BIOGRAFIA DESAFIADA: OS CONTORNOS DE UMA VIDA POR FRANÇOIS DOSSE

Alexandre Francisco Solano*
Universidade Federal de Uberlândia
onalos2@yahoo.com.br

"Muitas vezes, uma biografia não passa de uma operação plástica feita em um morto".
Virginia Woolf

Difícil seria prenunciar quais aspectos ganhariam, numa escrita empenhada, a maior obra de arte já vista: o homem. Questiona Hamlet, personagem da maior tragédia escrita por Shakespeare¹, aos seus antigos amigos da universidade: como o homem tão nobre na razão e infinito em suas faculdades, tanto na forma como no movimento, poderia ser decifrado, recebendo um paradigma?

Por muito tempo, questões que fazem referência às vidas dos homens desapareceram do discurso histórico. O historiador, principalmente no século XIX e início do século XX, pouco se detinha aos relatos de vida, ao indivíduo, ou melhor, à biografia. Eram estreitas, permanentes muitas vezes, e ao mesmo tempo exíguas as relações entre a disciplina histórica e o gênero biográfico. Tal paradoxo, por longa data, acompanhou a premissa que supunha a pouca importância destinada à trajetória do indivíduo, transfeito em “coisa” nos estudos históricos, e a relevância que o homem ganhava em outros segmentos, como na literatura ou mesmo na psicanálise.

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia, graduado em Letras e História pela mesma instituição, integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura e bolsista CAPES.

¹ SHAKESPEARE, William. **Hamlet, Rei Lear, Macbeth**. Tradução de Barbara Heliadora. São Paulo: Abril, 2010.

No entanto, após o “império” da análise dos destinos coletivos, inseridos num contexto, numa estrutura política e econômica abrangente, o indivíduo deixou os bastidores para tomar seu lugar na ribalta: tornou-se o “protagonista” das discussões dos estudiosos da História. A redescoberta da biografia, também impulsionada pelo gosto popular e pelo interesse comercial das grandes editoras, fez com que muitos pensadores se interessassem pelo tema, a ponto de discorrer suas origens, suas problemáticas e sua relação com a historiografia.



Recentemente, François Dosse², refletindo sobre as complicações que encontram os estudiosos interessados por biografias, construiu uma obra que traça a história do gênero biográfico, **O Desafio Biográfico – Escrever uma Vida**³. Assim como a disciplina histórica, o pensador francês revela-nos a familiaridade que a biografia trava com o tempo presente. Acrescenta-nos, ainda, uma questão inescrutável aos historiadores e aos literatos: a biografia cerca-se somente da inventividade ficcional ou de uma identidade puramente científica?

Ao longo da exposição do historiador francês, notamos que a memória, para o biógrafo, é o artifício que lhe possibilita lembrar e fazer recordar uma vida. Nesse sentido, há a necessidade do outro, que partilha suas recordações sobre figuras históricas inolvidáveis ou não. O passado, pelos olhos atentos do agora, nos traz imagens diversas de um mesmo indivíduo, permitindo-nos a reconstrução de faces não reveladas, de

² Historiador, pesquisador do Institut d’Histoire du Temps Présent (IHTP, Paris) e professor do IUFM de Créteil (Université Paris XII).

³ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

sujeitos em aspectos plurais. Somos levados a conceber múltiplas interpretações que envolvem uma única vida, tendo a hermenêutica, além da memória, a tarefa de revelar o “real” em sua complexidade, uma realidade posta sob distintas descrições.

De Plutarco e Suetônio, em um período no qual a biografia dava ao leitor a impressão de um alcance direto do passado e da personagem biografada, passamos à criação de heróis, à invenção de tipos que desnudam os aspectos da sociedade e, enfim, chegamos à construção de identidades multifacetadas. Desnudam-se, assim, três feições distintas para a abordagem biográfica: a face heróica, a idade modal e, por último, o apreço pelas interpretações, novas possibilidades históricas dentro de uma escrita heterogênea, que enfatiza a heterocronia (a não linearidade), chamada de idade hermenêutica.

Preocupada em retratar não só a vida, mas também o modo como vivem os indivíduos, a biografia para os gregos era uma mescla entre a história, anunciada por Tucídes, e os mitos que, como representações idealizadas daquela sociedade, delegavam aos homens suas ações e corroboravam para a construção da lógica social.

Plutarco, considerado junto a Suetônio, um dos maiores precursores desse gênero, concebia a grafia de uma vida confrontando, como nos revela François Dosse, as grandiosidades e as debilidades de gregos e romanos. Preocupado em não reproduzir sobre vidas de um mundo sensível, imperfeito, fazia de seus heróis verdadeiros modelos de moralidade; os pequenos atos de Alexandre, em contraposição aos seus grandes feitos no império macedônico, quando no julgo de Plutarco, assinalavam seu caráter psicológico e estilizava caminhos a serem reproduzidos. O gênero biográfico, destarte, destacava-se da disciplina histórica e permitia a Plutarco pintar maneiras inteligíveis de vida, num aspecto universal – a biografia como *magistra vitae* –. Segundo as considerações de François Dosse, o herói de Plutarco é:

Definido como um ser não sujeito a regras, marcado pela desmedida (hýbris), esse herói está, por definição, sujeito às tentações do descomedimento. Deve, pois, redobrar a vigilância a fim de não soçobrar nos piores escolhos. Trata-se de uma lição moral que se pretende sugestiva para não importa qual leitor, e Plutarco se dirige primeiro a seus contemporâneos e sucessores. Para além da singularidade dos percursos relatados, o que ele almeja é a encarnação dos valores abstratos [...] Plutarco utiliza a metáfora, repisada até hoje no gênero biográfico, que consiste em aproximar sua obra do retrato

feito pelo pintor, com a dupla idéia de fidelidade imprescindível ao modelo e criatividade não menos imperiosa do autor [...]⁴

Percebemos, dessa forma, que além do aspecto moral, o precursor do gênero biográfico trava uma discussão sobre o conflito existente entre a *areté* – a virtude – e a *práxis* – a maneira pela qual os aspectos humanos sopesam perante a ação colocada em prova. Nesse sentido, Plutarco está mais preocupado com a forma que o herói utiliza-se de sua fortuna (Týche) do que com as etapas de sua vida, do seu nascimento à sua morte.

Suetônio, outro grande nome da biografia, no início do século I d.c, também se distancia do historiador antigo, pois não manifesta nenhuma preocupação com a seqüência dos fatos e com a precisão na descrição das guerras. Sua abordagem, mesmo não se atendo aos caracteres cronológicos, postulados pelos historiadores, busca, diferentemente de Plutarco, perfilar traços de uma vida de forma mais reflexiva, impessoal e realista, até certo ponto. Aproxima-se, em alguns aspectos, dos historiadores de sua época, mas não abre mão do heroísmo imprescindível aos personagens.

A criação de heróis, de figuras idealizadas, não é somente um atributo do período greco-romano. Couberam, também, aos biógrafos, da Idade Medieval, a preocupação de mitificar ou santificar pessoas eminentes, sejam senhores feudais ou sujeitos do alto clero. O tratamento dado a vida dos santos, já consagrados, recebeu o nome de *hagiografia*, biografias excessivamente elogiosas. Aos indivíduos, que se estendiam a esse patamar, lhes eram certificadas características de verdadeiros deuses, distantes do homem comum, ou seja, do camponês. Tal postura alimentava ainda mais a hierarquia social defendida pela Igreja, na Alta Idade Média. Sob esse aspecto nos dirá Michel de Certeau:

A construção da imagem efetua-se a partir de elementos semânticos. Desta maneira, para indicar no herói a fonte divina de sua ação e da heroicidade de suas virtudes, a vida de santo, freqüentemente, lhe dá uma origem nobre. O sangue é a metáfora da graça. Daí a necessidade das genealogias. A santificação dos príncipes e o enobrecimento dos santos estão em simetria, de texto para texto: estas operações recíprocas instauram em hierarquia social uma exemplaridade religiosa, e sacralizam uma ordem estabelecida [...]⁵.

⁴ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p.129.

⁵ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.272-273.

A partir dos séculos XII e XIII, nos quais aconteceram amplas mudanças sociais e culturais, a trajetória dos santos ganhou aspectos mais humanos, demonstrando que os homens também pecavam e podiam se redimir, chegando ao estado de beatificação. Alcançava essa graça só pessoas de origem nobre, como observado acima. Nesse sentido, os fidalgos, que durante toda vida estiveram embebidos nas coisas mundanas, poderiam se tornar santos. Como nos adverte François Dosse:

A definição de hagiografia, por Michel de Certeau, deve então ser um tanto matizada a partir desse momento histórico, pois o santo já não exibe linearmente as potencialidades que encontrou no berço. Ao contrário, a santidade se adquire pela superação da prova, do trágico, e ao preço de uma conversão que decerto se efetua por ingerência divina, mas deve-se também à iniciativa do indivíduo eleito, cuja coragem é um sinal tangível de sua beatitude.⁶

Dessa maneira, há uma preocupação com as lógicas racionais que tangem a vida dos seres humanos, cabendo, além da heroicidade, o descobrimento do indivíduo: medos, desejos, sonhos, delírios e, principalmente, superações. Todavia, a fábrica de heróis não esmorece facilmente e muitos ídolos continuam a ser perpetuados e reinterpretados ao longo da história. Outras terminologias, já no século XIX, surgem para caracterizar nossos protagonistas. Nesse sentido, o herói cede lugar ao grande homem, ao artista, ao poeta, ao filósofo ou até mesmo ao cientista. Figuras como Dante, Shakespeare, Camões, Rousseau, dentre outros, ganham espaço no gênero biográfico, afirmando aspectos humanitários, que se tornaram latentes naquela época.

Com a autonomia adquirida pela disciplina histórica, ao longo do séc. XIX, e com a consolidação da sociologia no início do século XX, o indivíduo vê-se fadado a um único valor: ilustrar os aspectos coletivos e o meio social no qual estava inserido. O homem converteu-se em “uma coisa da qual a sociedade dispõe”, como afirmava o sociólogo Émile Durkheim. Preza-se por uma descrição conhecida como “biografia modal”. O sujeito histórico, nesse modelo, só tem valor quando é capaz de transmitir os modos, costumes e comportamentos dos indivíduos associados a uma estrutura social abrangente.

Pierre Bordieu, historiador que se deteve às questões atinentes ao gênero biográfico, bem mais a frente, contribuirá com essa visão, que marcou não só o início,

⁶ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 144.

mas a maior parte do século passado. Segundo ele, a biografia é uma “ilusão”, pois sem que se reconstruam cada etapa do contexto histórico, no qual esteve inserido determinado indivíduo, é impossível revelar os aspectos de sua vida. Em outras palavras, as trajetórias individuais estão cercadas de acontecimentos e de lugares sociais, que também são revistos e reinterpretados à medida que o tempo se esvai. Captar cada etapa e chegar a uma totalização dos eventos, sem considerar um contexto mais amplo, seria quase impossível.

Tendo em vista a dificuldade de resgatar essa dimensão temporal, pois à medida que os dias passam surgem novas concepções do que foi o passado, a biografia, para Bordieu, não revela qualquer importância. O autor não só aponta o “furo biográfico”, como também faz uma crítica à estrutura da escrita histórica, que busca muitas vezes uma idéia de coerência e unidade do “eu” individual.

Ao contrário de Bordieu, o sociólogo Jean-Claude Passeron “procura definir um espaço médio entre o radicalismo estrutural, de ordem antropológica, e a tentação de uma regressão infrassociológica”.⁷ Passeron acata o modelo sartriano, no qual o indivíduo tem certa liberdade perante aos determinismos sociais, vivendo em meio a uma temporalidade fragmentada. Refuta, nesse sentido, a abordagem que só prioriza os sistemas de relações, no qual os sujeitos perdem sua autonomia e individualidade perante o coletivo.

Sabina Loriga e Giovanni Levi, como se verifica na obra **O Desafio Biográfico**, também criticam Bordieu que só vê a possibilidade de abarcar a trajetória individual atrelada ao percurso dos outros agentes, que participaram de fatos similares, nos mesmos espaços de sociabilidade. A biografia para esses autores é, na verdade, a possibilidade de revelar as condições humanas em suas múltiplas diversidades, não aprisionando o sujeito histórico e nem o exaltando em detrimento dos outros.

Os tempos atuais, com o advento da hermenêutica, trouxeram, segundo Dosse, uma maturidade e uma reflexão mais elaborada ao gênero biográfico. Questionamentos e possibilidades alicerçadas em interpretações de símbolos textuais e textos filosóficos, buscaram revelar o que é o sujeito e quais são “os processos de subjetivação”. O outro, aquele que pretendemos estudar, revela-se não só em sua singularidade, mas numa unidade que traz a relação entre biógrafo e biografado.

⁷ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p.209.

Jean Paul Sartre, nesse aspecto, “numa abordagem já existencialista, internaliza o externo e exterioriza o interno. Graças a esse método, rompe com o esquema da causalidade mecânica, que convém pouco ao gênero biográfico, e abre uma via para articular elementos singulares com a unidade de uma pessoa”.⁸ Devolve, além disso, à biografia seu caráter prospectivo e a possibilidade da libertação daquele que escreve sobre o outro. Posteriormente,

[...] Sartre, por seu namoro com o marxismo, reavaliará mais tarde o peso das condições objetivas e históricas que afetam o destino das pessoas, bem como o significado das situações concretas capazes de, freqüentemente, impor limites estreitos à liberdade individual. Ele não renunciará à sua postura existencialista, mas atentará mais para a eficácia das mediações entre os indivíduos, tomados em sua concretude, e a porção de liberdade que permanece irreduzível e que podemos recuperar pela práxis.⁹

Não só o modelo descrito por Sartre trouxe à baila a subjetivação e a liberdade que o indivíduo pode manifestar dentro de uma estrutura ampla. A micro-história, com trabalhos renomados, como o de Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Poni, também visaram revelar a singularidade como uma entidade a ser problematizada, cercada de um paradoxo conhecido como “o excepcional normal”. Aborda, dessa maneira, sujeitos em situações limites, que rompem com os lindes estabelecidos pelo estruturalismo, denotando que o indivíduo não é um ser inerte, mas sim alguém que pode caminhar em distintos segmentos do nosso meio.

Domenico Scandella, o famoso Menocchio, personagem ilustre de Carlo Ginzburg, na obra **O queijo e os vermes**¹⁰, reserva-nos outro conceito desvelado pela micro-história: o “concreto-singular”. Mais do que isso, reafirma o problema da circulação cultural, já postulado por Bakhtin, no qual os indivíduos de uma determinada classe social, menos abastada, também partilham do conhecimento de classes mais elevadas: o culto e o popular (dicotomia por muitos reforçada) mesclam-se e não se encontram totalmente separados.

Além disso, a micro-história devolve ao indivíduo o direito às suas peculiaridades, massacradas por uma visão histórica calcada em dados, estatísticas,

⁸ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 231.

⁹ Ibid., p. 232.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

números, ou seja, uma historiografia quantitativa. Giovanni Levi atesta, ainda, que mesmo em um regime extremamente normativo e totalitário, há possibilidades para que os sujeitos travem ações conscientes em seu dia-a-dia, revelando seus atributos. Fugimos do esquema clássico, que foi amplamente divulgado por uma leitura equívoca do marxismo, na qual a maximização do lucro e a manutenção de uma racionalidade total aos atores eram determinantes. O indivíduo perdia-se em meio ao sentido de classe, que se consolidava e promovia a manutenção dos grandes modelos econômicos. Por muito tempo, esses modelos consolidaram uma idéia de progresso histórico,

[...] concebendo-o como a realização, no tempo, de algo que já existia antes de forma embrionária e que se desenvolve até alcançar seu ponto final necessário. Visto que a finalidade do processo já está dada (isto é, já se sabe de antemão qual vai ser o futuro), e visto que o progresso é uma “lei” da história, esta irá alcançar necessariamente o fim conhecido. Com isto, *os homens se tornam instrumentos ou meios para a “história” realizar seus fins próprios e são justificadas todas as ações que se realizam “em nome do progresso”*.¹¹
[grifo meu]

Nesse sentido, muitos autores que se aventuraram pela micro-história, como Levi, viram a possibilidade de romper com uma idéia de progresso histórico centrada apenas no grupo, afastando o indivíduo. Percebemos a importância de observar as bases de uma racionalidade limitada e seletiva, questionando-nos, a todo o momento, qual é o papel e a autonomia de um indivíduo perante o seu grupo.

Sabina Loriga, nesse mesmo caminho, ao analisar o funcionamento de um exército, destaca quão distintas são as histórias de sujeitos que integram uma armada. Propõe um tipo de biografia que ficou conhecida como “biografia coral”, na qual o indivíduo deve ser visto em suas características particulares e de forma fragmentada. São os movimentos individuais, como afirma a autora, que revelam uma nova possibilidade à biografia, consagrando o fim das “homogeneidades aparentes”.

Foucault, da mesma maneira, apoiado na dialética da unidade e da pluralidade, utiliza-se de suas lógicas discursivas para escrever sobre “a vida dos homens infames”. Desde o início, ao invocar Plutarco, pretende se distanciar desse, dando voz aos esquecidos da história. Chegamos não somente ao momento dos indivíduos excêntricos, destrutados, mas também à vida do homem comum.

¹¹ CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia?** São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, 1984, p. 84-85.

François Dosse revela-nos que a renovação do gênero, após esse longo percurso, dá-se com relatos biográficos que acompanhem as linhas de intensidade múltipla. “O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modifica a abordagem do gênero biográfico”.¹² A partir de então, notamos que a preocupação com as fontes históricas, com a documentação, que muitas vezes fazem-se ausentes, não invalidam mais o trabalho do historiador que se engaja na tarefa biográfica. Quando o pesquisador da história encontra-se diante da impossibilidade de resgatar a fala ou os depoimentos dos desaparecidos, anônimos, ele,

[...] por intermédio de traços minúsculos, de fragmentos escritos, ele pode ter acesso a elementos de oralidade. Esses elementos permitem repor o historiador numa justa distancia entre o risco de ignorar a palavra dos anônimos e o escolho que consiste em fazer disso um objeto de fascínio [...] De certo modo, esses pequenos traços de identidade respondem a um biopoder que procura identificar as pessoas, recuperar suas pegadas no estado civil.¹³

Com intuito de recuperar esses traços, mas sem o objetivo de compor uma vida coerente e linear, Roland Barthes, um dos precursores da semiologia, irá, por meios de fragmentos escritos e objetos domiciliares, compor um projeto de biografia conhecido como “biografemas”. O sujeito para Barthes é sempre visto em migalhas, aos pedaços, que ao ser revelado por alguns detalhes, gostos ou gestos, alude a uma proximidade muito grande entre a vida e a morte, ou seja, o desaparecimento do “eu”. Nesse sentido, para o semiólogo francês, o historiador, preocupado em abordar os sujeitos e suas pluralidades, “surge como um necromante, comendo a morte para exorcizá-la: tal paixão, em sentido místico, que anima a escrita histórica [...]”.¹⁴

Descobrimos, após uma leitura aguçada, que, diante da variedade e formas de compor uma biografia, o escritor deve inventar sua própria forma de dizer sobre o outro. Sem se esquecer, é claro, que, ao falar sobre outra pessoa, está fazendo referência direta a si mesmo: sujeitos esmiuçados em cacos, como parte integrante de um vitral, que dá ao sol distintas passagens e aos observadores, colocados diante dele, inúmeras cores, imagens e interpretações.

¹² DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 297.

¹³ Ibid., p. 301.

¹⁴ Ibid., p.309.

Essa supremacia do indivíduo múltiplo, plural, trouxe novas questões, que apontaram para uma inquietação convidativa: ao furtar-se do unitário, do sujeito no seu aspecto singular, não estaria o historiador criando ruptura e fragmentos sem significados? A esse embaraço entre um sujeito ora visto em sua singularidade ora em seus aspectos plurais, Paul Ricoeur, ao recorrer à biografia como narrativas, propõe dois conceitos fundamentais: a “ipseidade” e a “mesmidade”. Esse último termo encerra as características próprias a um sujeito, dentro de um lugar e de uma época, que, com o decorrer do processo histórico, altera-se, transforma-se, dinamiza-se. No entanto, pelo aspecto narrativo, conseguimos fazer uma mediação, como demonstra François Dosse, entre a ipseidade e a mesmidade, reconstruindo assim uma coesão que se centra no fazer e no desfazer de uma vida. Não obstante, estudar o homem é analisar as múltiplas imagens que se formam sobre ele ao longo do olhares e “reolhares” da história.

A última seção da obra de François Dosse apresenta-nos, de maneira engenhosa, uma reflexão sobre o papel do biógrafo perante aos intelectuais, a “biografia intelectual”. Descrever um intelectual seria apenas falar de sua obra? Aspectos de sua vida cotidiana são relevantes? Roland Barthes estaria certo ao preconizar a morte do autor e o fim do método comparativo entre a vida e a obra de um gênio?

Questões ainda controversas e que fazem parte das discussões acadêmicas, são abordadas por Dosse suscitando-nos uma travessia da obra à vida. Sabemos que toda obra constitui-se num ato de desejo de quem a escreve e, portanto, nela misturam-se traços de uma vida comum e uma intenção de conhecimento manifestada na escrita. “Então, obra e autor aparecem numa irreduzibilidade que é como um domínio próprio no qual se revela não uma intenção oculta, mas um já-lá implícito, latente, que mostra ao biógrafo uma longa melodia ininterrupta que é ao mesmo tempo vida e obra”.¹⁵

Enfim, notamos que a biografia se “antropomorfiza” sob distintas maneiras e, ao tomar tais contornos, se vê encerrada numa indefinição que é própria da espécie humana. Como personagem, a biografia em si refuta nossos esquecimentos e brinca com nossa memória arteira, como instrumento é alvo de muitas dúvidas e aporias. Assim como Hamlet, ao se questionar sobre a nossa existência ou não, “ser ou não ser”, a biografia por ora ganha vida sob o olhar atento de um biógrafo que lhe dá um “efeito de vivido”, já em outros momentos se perde perante as incoerências do homem.

¹⁵ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 369.